

Escrita maldita, escrita lésbica: Cassandra Rios e a censura à lesbianidade na literatura

Cursed writing, lesbian Writing: Cassandra Rios and the censorship of lesbian identity in literature

Talita Ferreira Gomes da Silva

RESUMO: A partir da década de 1970, observa-se um aumento nas mobilizações sociais protagonizadas por mulheres, embora a presença de vozes lésbicas, dentro desse cenário, tenha sido historicamente sub-representada. Esse silenciamento, frequentemente identificado como um instrumento de manutenção do sexismo e da lesbofobia (Lorde, 1984), contribui para a marginalização das experiências e narrativas lésbicas. Este artigo propõe-se a contribuir para a superação desse apagamento, alinhando-se às perspectivas teóricas e políticas que reivindicam a visibilidade das lesbianidades como parte integrante dos processos sociais e culturais. Para tanto, toma-se como objeto de análise a obra de Cassandra Rios, escritora frequentemente rotulada como “maldita” e “a mais proibida do Brasil” (Lira, 2013), cujos romances, majoritariamente protagonizados por personagens lésbicas, foram alvo de censura durante o regime militar brasileiro. Tal censura, justificada por acusações de “pornografia”, configurou-se não apenas como repressão literária, mas também como mecanismo de apagamento das identidades lésbicas no contexto cultural e editorial do período (Trevisan, 2018). Com base em pesquisa bibliográfica, documental e análise literária, este estudo examina as razões alegadas para a marginalização da obra de Cassandra Rios, propondo uma reflexão crítica sobre os modos como o silenciamento se articulou à desqualificação estética e moral de sua produção. Busca-se, assim, contribuir para o reconhecimento da relevância da autora no campo da literatura brasileira, em especial no âmbito da literatura lésbica, e para a ampliação das discussões sobre gênero, sexualidade e censura no Brasil.

Palavras-chave: Censura. Ditadura militar. Literatura lésbica. Pornografia. Silenciamento.

ABSTRACT: Since the 1970s, there has been a marked increase in feminist social movements. However, within this broader context, the visibility of lesbian voices has remained significantly marginalized. As Lorde (1984) suggests, such silencing operates as a mechanism for the perpetuation of sexism and lesbophobia. This article seeks to intervene in this process of erasure by aligning itself with insurgent lesbian epistemologies that assert the importance of integrating lesbian identities into the ongoing construction of society and culture. The primary object of analysis is the literary work of Cassandra Rios, often referred to as a “cursed writer” and “the most banned author in Brazil” (Lira, 2013). Rios’s novels, which consistently feature lesbian protagonists, were systematically censored during the Brazilian military dictatorship. This censorship, officially justified by accusations of “pornography,” functioned not only as a means of repressing Rios’s literary production but also as a broader strategy for silencing lesbian voices within the national literary canon (Trevisan, 2018). Through an interdisciplinary methodology combining bibliographic research, literary analysis, and archival investigation, this study interrogates the foundations of the moral and aesthetic disqualifications imposed on Rios’s work, considering how these acts of censorship contributed to the erasure of lesbian identities. By revisiting and re-evaluating Rios’s corpus, this article seeks to foreground the importance of her literary contributions, emphasizing their relevance for contemporary debates on gender, sexuality, and censorship in Brazilian literature, as well as for the recognition of lesbian subjectivities within cultural and academic discourses.

Keywords: Censorship. Military dictatorship. Lesbian literature. Pornography. Silencing.

Introdução

Este trabalho se propõe a analisar a produção literária de Cassandra Rios, especialmente sua escrita lésbica, a partir de uma abordagem interdisciplinar que articula estudos de gênero, teoria literária e crítica cultural. O artigo toma como ponto de partida a escrita de Rios, marcada pela recorrente tematização de relações entre mulheres, e busca compreender os processos de censura e marginalização enfrentados por sua obra, especialmente no período da ditadura militar brasileira. Parte-se da premissa de que a escrita lésbica de Rios não apenas tensiona normas de gênero e sexualidade, mas também revela estratégias discursivas que desestabilizam a “moral e os bons costumes”.

Para Adrienne Rich (2012), mulheres lésbicas são muitas vezes destituídas da sua existência política pela leitura social de uma “versão” feminina do homem heterossexual. Vê-se que o silenciamento ainda existe através da ausência em fontes históricas, da irrisória existência de políticas públicas e da representação social falha, o que é refletido na literatura, objeto do presente trabalho.

Tem-se por objetivo, neste trabalho, analisar parte da produção literária de Cassandra Rios sob a ótica da crítica contemporânea feminista, que busca desconstruir a heteronormatividade dos saberes e produções científicas. Questiona-se a construção do feminino, as ideias da fixidez de gênero e, principalmente, as perspectivas limitadoras sobre as identidades sexuais.

A escrita de Rios, por sua importância histórica por vezes subestimada, é forte objeto de pesquisa. Para atingir os objetivos de análise pretendidos, serão utilizados os conceitos de Judith Butler (2016), Kate Millett (1970), Elaine Showalter (1994), bell hooks¹ (2018), Adrienne Rich (2012), Audre Lorde (1984), dentre outros autores e autoras que tornarão possível uma compreensão mais crítica e embasada das suas obras.

Com romances que tinham, primordialmente, mulheres lésbicas como protagonistas, Cassandra Rios experienciou a censura da crítica literária à época da ditadura no Brasil. Segundo Trevisan (2018), o motivo alegado para isso eram os romances serem enquadrados como “pornografia”, mas o que se observa é que essa característica somente foi incômoda por serem as relações praticadas entre mulheres.

¹bell hooks “Assina suas obras em minúsculo e requer suas referências tal e qual, com o argumento de que ela mesma não se reduz a um nome e seus textos não devem ser lidos em função deste nome” (Pinto, 2008, p. 2).

Questiona-se, portanto, os critérios para a caracterização da literatura cassandriana como pornográfica, necessitando haver análise crítica. Pretende-se comprovar que a categoria não estava incorreta pelo gênero literário em que a autora se enquadrava, mas pelas alegações e censura recebidas ligadas à sexualidade da autora.

Justificativas de resgate

As questões relacionadas a identidades têm estado em voga nos últimos anos, através de reivindicações de movimentos sociais e indivíduos insatisfeitos com o atual sistema que marginaliza minorias. Este trabalho, portanto, visa se alinhar às vozes lésbicas insurgentes que reivindicam espaços epistemológicos na discussão e constante formação da sociedade.

Segundo a autora Cassandra Rios, no prefácio do seu romance “Mutreta” (1977):

Escrever sobre homossexualismo² é uma incumbência delicada e perigosa: trabalho poucas vezes aceito, aprovado ou corretamente interpretado por aqueles que se interessam pelo assunto. Trazer a público trabalhos dessa envergadura não é tarefa fácil, nem sempre válida, quase suspeitosa, mesmo que contenha o mais elevado padrão cultural das obras assinadas por certos elementos respeitáveis nos anais da literatura. (Rios, 1977, p. 5)

É o que se comprova após consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), resultando em dezessete trabalhos acadêmicos a nível de pós-graduação que versam sobre Cassandra Rios, sendo doze dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado³. Como uma opção de pesquisa com maior aprofundamento, não estendi a análise para artigos acadêmicos e trabalhos de conclusão de curso de graduação.

Dentre os trabalhos observados, nota-se que as dissertações têm ponto de partida diferente, sendo esse os Estudos Literários (Lima, 2009; Cantalice, 2011; Paim, 2014; Sousa, 2020; Jardim, 2022), Letras (Piovezan, 2006; Rodrigues, 2020; Santos, 2020), Estudos da Linguagem (Silva, 2020), História (Nóbrega, 2015; Cardozo, 2018) e Crítica

²Somente em 1990 o “homossexualismo” foi excluído da lista de distúrbios mentais pela Organização Mundial de Saúde (Rodrigues, 2020). O trecho, retirado de “Mutreta” (1977) de Cassandra Rios, demonstra o uso comum do termo atrelado ao momento. Atualmente, nega-se o sufixo *-ismo* e utiliza-se “homossexualidade”.

³Até o momento da submissão, a dissertação assinada pela autora deste artigo ainda não havia sido publicada, não entrando para a contagem. Quando do momento da publicação, posterior, pode-se ser necessário atualizar o número de obras citadas.

Cultural (Pereira, 2013). Com relação às teses de doutorado, observa-se: há trabalhos na Literatura (Pereira, 2019), Letras (Vieira, 2010), História (Vieira, 2014), Sociologia (Holanda, 2020) e Psicologia (Mezzari, 2021).

Sendo o resultado pouco extenso e, dele, apenas onze trabalhos acadêmicos produzidos no campo dos Estudos Literários, Letras ou áreas diretamente relacionadas, fica evidente o baixo interesse da comunidade acadêmica sobre Cassandra Rios, não obstante seu imensurável valor para a literatura nacional, sobretudo para a literatura lésbica. É nesse sentido que escolhi as obras da autora, a fim de contribuir, através da produção de novos estudos sobre a autora, com a diminuição do silenciamento histórico que ainda existe.

Com relação à crítica literária, ainda há um baixo reconhecimento à Cassandra, o que parece caminhar conjuntamente ao silenciamento de mulheres lésbicas socialmente. Cristina Ferreira-Pinto (1999) afirma que os motivos para essa ausência estão baseados nos mesmos fundamentos ideológicos que invisibilizam esse grupo. Isso é observado quando, historicamente, como estratégia de repressão, os livros produzidos por Rios foram tidos como “subliteratura” (Jardim, 2022), ou, além disso, tiveram como destino a fogueira, como em uma “caça às bruxas”⁴, ainda que com tiragens próximas aos 300.000 livros (Castro, 2011).

Podemos dizer que esse silenciamento histórico, em parte, é consequência de um tabu acerca das relações protagonizadas exclusivamente entre mulheres.

Não é segredo que o medo e o ódio aos homossexuais permeiam a nossa sociedade. Mas o desprezo pelas lésbicas é diferente. Ele está diretamente enraizado na aversão à mulher autodefinida, à mulher autodeterminante, à mulher que não é controlada pelas masculinas necessidades, ordens ou manipulação. (Dworkin, 1993, p. 28, Tradução minha)⁵

Nesse sentido, o objetivo dessa perspectiva heteronormativa é “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade” (Miskolci, 2009, p. 157), o que foi profundamente negado pela literatura de Cassandra Rios. A autora negou uma das estratégias de silenciamento, segundo Rich (2012), que é tornar a mulher lésbica

⁴36 livros de Cassandra Rios foram censurados pela ditadura. Aqueles que tinham a circulação proibida eram apreendidos e destruídos através, geralmente, da incineração (Brum, 2020).

⁵It is no secret that fear and hatred of homosexuals permeate our society. But the contempt for lesbians is distinct. It is directly rooted in the abhorrence of the self-defined woman, the self-determining woman, the woman who is not controlled by male need, imperative, or manipulation (Dworkin, 1993, p. 28).

culturalmente incompreensível, o que assegura que “as pessoas nem mesmo percebam que poderiam haver outras possibilidades” (Katz, 1996, p. 152).

Sabe-se, portanto, que a população lésbica sofre com uma dupla opressão⁶ (quando mulheres negras lésbicas, há, ainda, a ocorrência de uma tripla opressão⁷) por vezes experienciada dentro do próprio movimento, como quando Betty Friedan, fundadora da Organização Nacional para as Mulheres (1966), intitulou as integrantes lésbicas de “lavender menace”, ou “ameaça lavanda”⁸.

Observa-se que essa perseguição política parece ser ainda vigente, uma vez que ainda se torna tarefa árdua resgatar os romances de Rios atualmente. De acordo com Tânia Navarro-Swain (2004, p. 15), “apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época”, o que acontecia à época da ditadura, mas ainda não foi afastado da sociedade atual, vez que a autora ainda não parece ser um interesse da crítica literária, tendo, ainda, pouquíssimos livros originais conhecidos, que dirá reeditados.

Esse distanciamento entre a obra da autora e o que é possível de ser acessado reforça o silenciamento histórico, o que faz com que Cassandra ainda seja “apontada e (mal)dita” e seja “perigosamente – única: lésbica que só escrevia pornografia e, logo, autora de uma literatura de ‘menor qualidade’ que não merece ser lida, sequer discutida, muito menos investigada (Jardim, 2022, p. 57).

Portanto, dentro dessa observável “lacuna no campo literário quanto à autoria e representação da homossexualidade de mulheres na literatura, lacuna promovida por esquecimentos e apagamentos” (Polesso, 2020, p. 4), da academia e do mercado à Cassandra Rios, o presente trabalho faz-se necessário como uma oportunidade de trazer novas perspectivas sobre as pautas e identidades lésbicas.

A literatura de Cassandra Rios e seus atravessamentos de gênero e sexualidade

⁶Há a presença de uma “dupla opressão”, com essas mulheres sendo oprimidas por serem mulheres e por serem lésbicas (Eiras, 2019).

⁷“Deixe-me dizer a vocês primeiro como foi ser uma mulher negra e poeta nos 60 para adiante. Significa ser invisível, ser realmente invisível. Significa ser duplamente invisível como mulher feminista negra e significa ser triplamente invisível como lésbica negra e feminista”. Citação de Audre Lorde no livro “I am your sister”, editado por Byrd, Cole e Guy-Sheftall (2009).

⁸Betty Friedan defendia a ideia de mulheres lésbicas poderiam “manchar” a reputação do movimento feminista, afastando as demais mulheres por medo de comparação. Essa ocasião deu origem à cor roxa como símbolo de resistência da bandeira lésbica (Gatti, 2021).

A transgressão e os desviantes das normas (Becker, 2008), através de lutas e organizações de movimentos sociais, a partir da década de 1970, conseguiram, gradualmente, consagrar seu espaço na sociedade, de forma a se adaptar habitando e dialogando com a norma. Dessa forma, observa-se que se constroem, por vezes, ambiguidades, nas quais a homossexualidade ainda não é bem vista no código moral da sociedade, mas acaba sendo “permitida” somente para fins de consumo.

É o que se observa no título dado à Cassandra Rios de a “escritora mais proibida do Brasil” (Lira, 2013). A forte repressão sofrida pela autora no período da ditadura militar conferia a ela uma posição de deslegitimação diante do que era considerado “aceito” pela norma, o que não refletia nos números de vendas de seus livros⁹.

Como justificativa à repressão, as obras de Cassandra Rios eram consideradas “pornográficas”, uma vez que tratavam de relacionamentos amorosos entre mulheres e seus desdobramentos para a sociedade. Questiona-se, no entanto, o imaginário social da pornografia e o que ela representa para a crítica literária. Observa-se que a classificação de pornografia recebida pelos textos de Cassandra Rios era uma tentativa de valorização e manutenção dos “bons costumes” queridos à época (e ainda hoje). Essa categorização demonstrava-se como um apagamento da literatura questionadora produzida, bem como dos próprios sujeitos das obras.

Segundo Chiland (2005), compreende-se a pornografia como um motor que enaltece a posição viril da masculinidade enquanto oferece a representação submissa da feminilidade. Tem-se como base a teoria do jogo de poder de Foucault (1999), que exemplifica a visão da mulher exclusivamente como fonte passiva de prazer masculino. Para além desse lugar de submissão, existe, ainda, o conceito de “sadomasoquismo da beleza”, de Wolf (1992), o qual explica que mulheres, por mais independentes que sejam, só serão desejadas se forem submissas. Nessa perspectiva, observa-se a pornografia como algo “a ser excluído”, como a negação da existência de determinados grupos, como o das mulheres lésbicas, fortemente representadas nas obras de Rios.

A sexualidade humana pode ser compreendida como um “conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares e leis” (Foucault, 1999) que atuam como uma forma de limitar o que é desejado quando se fala em padrões de comportamento

⁹Ainda com forte perseguição, Cassandra Rios foi a primeira escritora brasileira a vender 1 milhão de cópias em 1970, superando nomes como Jorge Amado, Clarice Lispector e Érico Veríssimo (Moraes; França, 2022).

humano. Nesse sentido é que se compreende a crítica às representações homossexuais, vez que a afetividade entre pessoas do mesmo gênero seria um ataque à ordem preestabelecida de normalidade.

Essa forma de representação encontrou uma forma de enfrentamento na literatura de Cassandra Rios. Se ainda observamos fortes direcionamentos da sexualidade feminina como algo destinado ao público masculino, observa-se, em Rios, representações que não destinam mulheres a esse fim, mas como verdadeiras sujeitas de si mesmas e de suas sexualidades, não meros produtos. Vale ressaltar que seus livros foram produzidos há décadas e, portanto, não têm o mesmo nível de atenção às problemáticas já levantadas na contemporaneidade.

Nesse contexto surge, na década de 1970, a crítica feminista à literatura, que se propôs a discutir qual seria a posição das mulheres nas obras, principalmente nas produções clássicas. Percebeu-se que a mulher ocupava papel secundário, dificilmente como sujeito da narrativa e, geralmente, como objeto do olhar masculino. Millett (1970) defendia que a hostilidade contra as mulheres tinha, na “literatura misógina”, um veículo primário.

A crítica feminista buscava discutir como os estereótipos impostos às mulheres funcionavam como uma forma de opressão, uma vez que, ao transformá-las em objeto endereçado ao público masculino, havia o silenciamento do seu papel enquanto sujeito social. De acordo com bell hooks (2018), a igualdade material somente acontece quando o sistema hierárquico for derrubado.

A fim de iniciar a análise da produção literária de Cassandra Rios, observa-se que suas personagens demonstram representações que, por vezes, parecem reforçar estereótipos de gênero e sexualidade. Isso, como trazido anteriormente, demonstra a época sob a qual foram produzidos, fortemente ligada à heterossexualidade compulsória, conceito de Judith Butler (2016).

Essa representação ligada a estereótipos sobre a identidade lésbica pode ser observada na obra “Eu sou uma lésbica” através da descrição da personagem Bia. Ela é tida como uma lésbica “machona”, uma mulher disfarçada de homem, com “andar de fanfarrão” que imposta a voz e sacode as pernas arreganhadas “como se tivesse um enorme saco entre elas” (Rios, 1981b, p. 67).

A leitura desses trechos, caso feita fora de contexto, compreensivelmente pode ser tida como uma visão problemática da lesbianidade da personagem. No entanto,

pretende-se, neste projeto, provocar a reflexão sobre a recusa à masculinidade como um mecanismo de autoafirmação da feminilidade de mulheres lésbicas, o que parece contrariar as representações comuns à época.

É o que se observa através do capítulo “Na Poesia”, de Julia Klien no livro “Explosão Feminista”, de Heloísa Teixeira¹⁰, quando é apresentado o questionamento sobre obras serem ou não “feministas”. Segundo a autora:

Talvez seja mais interessante pensar na potência da experiência feminista como um fator decisivo na produção de subjetividades não normativas, expressa numa linguagem poética perpassada – mas não limitada – pela linguagem ou pela temática ativistas. (Klien, 2018)

Recusa-se a figura do homem como algo a ser desejado, o que demonstra uma postura consciente, reivindicadora e, de certo modo, política. As protagonistas “femininas” de acordo com o padrão de performance comum demonstravam profundo descontentamento com outras mulheres não contempladas com essa identidade.

Eu era mulher, essencialmente feminina, apenas gostava de mulher. Só isso. Não gostava de homens para sexo, mas para amizade. Imitá-los, nunca! Sentia-me muito bem na minha condição de homossexual, sem precisar caracterizar-me ou realizar performances de machão para agradar as mulheres. (Rios, 1981b, p. 66)

Reforça-se, no entanto, o caráter político das suas obras, quando Rios questiona: “Eu sou uma lésbica. Deve a sociedade rejeitar-me? [...] Em que situação uma homossexual deve ser rejeitada, compreendida ou aceita? Quando engana o homem com as suas dissimulações ou quando enfrenta a sociedade abertamente, sem esconder o que é?” (Rios, 1981b, p. 143).

Cassandra parece antever a “zona selvagem” da cultura das mulheres, ou seja, uma área destinada unicamente para esse público, um lugar proibido para os homens.

Para algumas críticas feministas, a zona selvagem, ou o “espaço feminino”, deve ser o lugar de uma crítica, uma teoria e uma arte genuinamente centradas na mulher, cujo projeto comum seja trazer o peso simbólico da consciência feminina para o ser, tornar visível o invisível, fazer o silêncio falar. (Showalter, 1994, p. 48-49)

¹⁰Por demanda própria, a autora substituiu o sobrenome “Buarque de Hollanda” por “Teixeira”, no entanto, à época da publicação, o livro foi assinado com o sobrenome anterior.

Observa-se, ainda que se questione os objetivos da autora, que mulheres que rejeitam uma performance voltada à feminilidade hegemônica são rejeitadas nas obras. Início, neste momento, breve análise da obra “As traças” (1981a) e como a personagem Rosana é retratada por Andrea.

Reparou nos cabelos curtos, cortados bem rentes, a voz pausada e insinuante, o olhar revelador. Magra, alta, desportista, traços finos. [...] Igual a muitas que haviam despertado sua curiosidade ao cruzar com elas na rua, num cinema, num teatro, enfim, numa identificação inegável da índole oculta. (Rios, 1981a, p. 27)

Rosana, de quem o texto fala, é vista como a mulher lésbica masculina, à margem do restante. Ela é colocada como a “representação” da performance da masculinidade e sofre rejeições diversas, o que o reforça, mais uma vez, a hipótese de que a figura do masculino é afastada pela autora como uma postura de resistência.

Essa representação demonstra, através da literatura da autora, a perspectiva oposta entre homens e mulheres. Em “O gamo e a gazela” (1961), verifica-se, novamente, o desafeto a mulheres masculinizadas, acrescentando a aceitação de certos aspectos tidos como “masculinos”, desde que tratando do temperamento dominador acompanhado da aparência feminina.

Que uma mulher parecesse máscula, mas que não deixasse de ser feminina. Máscula por não encontrar outra expressão para definir sua personalidade dominadora, firme, otimista, corajosa, desembaraçada, ativa na conquista, mas nunca concorrente do homem, nunca uma caricatura da masculinidade. (Rios, 1961, p. 42)

Essa seria a única aceitação do masculino demonstrada por Cassandra Rios: uma personalidade máscula unida a uma construção corpóreo-pessoal feminina. A autora nega a expectativa comum de que mulheres lésbicas necessariamente devem performar a masculinidade como afirmação da sua sexualidade, quando reforça a negação de identidades ligadas, ainda que indiretamente, ao masculino.

Compreende-se que essa perspectiva não deve ser considerada como algo pertinente, visto que as identidades não são algo fixo ou determinado por alguma performance ou padrão preexistente ou estabelecido socialmente. Em vista do meio social dotado de interações e atravessamentos pelos sistemas de significação e reprodução cultural, as identidades são constantemente deslocadas e transformadas em diferentes direções.

Segundo Hall (2006), é necessário pensar a identidade enquanto identificação, fragmentação e coexistência. Não se pretende, nessa perspectiva, considerar as identidades de mulheres lésbicas como fixas, mas “formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006).

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (Hall, 2006, p. 39)

A análise das obras de Rios permite que haja questionamento sobre a representação das feminilidades e masculinidades hegemônicas, os estereótipos destinados aos comportamentos desejados ou indesejados e como essa representação era formada e formava o imaginário coletivo presente na sociedade no momento histórico referente às obras.

Literatura pornográfica e a pele que experiencia o corpo-erótico

A compreensão das diferenciações entre “erotismo” e “pornografia” não é consenso. Neste artigo, pretende-se estabelecer um pressuposto que permita uma análise que se afaste dos critérios morais de avaliação para o estabelecimento teórico de ambos. Existe, no entanto, uma grande discussão sobre o uso dos termos, defendendo-se, por vezes, o uso distinto deles ou a ideia de que a diferenciação não é necessária. Observa-se que dentre as posições em que a distinção é defendida, os critérios de julgamento têm ligação com a moral e sua influência.

Para Susan Sontag (1987), há que se reinterpretar essa visão condenatória. A autora se opõe à noção de que a pornografia seja um problema cultural. Sontag (1987) aborda a pornografia no contexto das artes, defendendo que há obras pornográficas relevantes, que apontam para novas possibilidades estéticas. Para ela, no entanto, o valor literário dessas obras ainda não foi devidamente avaliado, o que acaba por emprestar à palavra conotação pejorativa. Para Moraes e Lapeiz (1985, p. 11):

Sabe-se muito bem que aquilo que uns consideram pornográfico não o é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas ou culturais, mas também as subjetivas e individuais. A variabilidade dos critérios que julgam se uma obra é ou não pornográfica é tão grande que além da referência geral à sexualidade, pouco mais pode-se dizer deles. Vários livros que hoje são considerados clássicos da literatura, outrora foram acusados de obscenos e proibidos sumariamente.

Para Bataille (2013), o erótico, assumindo caráter metafísico, tem fundamento na experiência de busca entre corpos opostos. Numa ideia de completude entre o “masculino” e “feminino”, o autor conceitua que o erotismo é a descontinuidade entre um ser e outro. Vale ressaltar que ainda sendo as definições do autor significativamente importantes para a compreensão teórica das relações entre erotismo e pornografia, trata-se de entendimento ultrapassado, vez que ainda mantém a ideia da superioridade “erótica” e polarização entre homens e mulheres, conservando uma ideia de “passividade” versus “atividade”, dominantes versus dominado.

O corpo — ao que se assume, neste artigo, através da pele — é mediador do ser humano com o mundo que o cerca. No entanto, as rupturas e aberturas da pele seriam uma perturbação da ordem estabelecida, como a boca, o ânus ou a vagina (Bakhtin, 2010). Esse entendimento seria contrário à imagem de que corpos estão acabados em si, concluídos. Na literatura de Cassandra Rios: “A vagina é oca. Nela cabe a mão inteira” (Rios, 1981b, p. 44).

Portanto, a pele funciona como um símbolo erótico. Ela conduz a experiência do corpo através da relação, emoção desenfreada e fusão (Bataille, 2013). No livro “A borboleta branca”, observa-se:

Como um autômato, descontrolada, nervosa, sem dar conta do que fazia, Paula sentiu-se arrastada como por um extraordinário ímã, para o rosto da menina, onde sua boca esmagou-se contra os lábios que se entreabriam recolhendo os seus para sugá-los vorazmente num beijo fantástico que jamais ela provara antes, pois se tratava de beijo de duas mulheres. (Rios, 1968, p. 80)

O trecho apresenta uma cena carregada de intensidade erótica, intensa no desejo entre as personagens. Como na experiência de fusão proposta por Bataille (2013), observa-se a sensação de entrega ao momento, revelando que tal fato acontece através do magnetismo erótico entre elas. A comparação de Paula a um “autômato”¹¹ sugere que

¹¹“Autômato”, em dicionário online: 1. Máquina que imita o movimento de um corpo animado; robô. 2. Máquina que, com aparência de uma pessoa ou animal, imita os movimentos. 3. Pessoa que não pensa nem age por si mesma, que tem comportamentos automáticos (Significado... 2023).

suas ações estão sendo guiadas pelo instinto e pela sensação irresistível do erotismo que experienciam.

Observa-se que a expressão "extraordinário ímã" oferece a ideia de que o sentimento entre as duas personagens é algo irresistível — além da racionalidade e controle comuns. O "ímã" metafórico sugere que elas estão sendo puxadas uma em direção à outra por uma força magnética, o que se entende, através deste artigo, como a experiência erótica.

Ainda, vê-se a retratação do "beijo de duas mulheres" como parte relevante da cena, vez que especifica e parece justificar o sentimento que reafirma o afastamento do "convencional", do normativo e biológico. É o que se observa no título dado à Cassandra Rios de a "escritora mais proibida do Brasil" por seu forte apelo erótico-pornográfico. Outro trecho da autora exemplifica:

[...] Tudo num vórtice de paixão, de autoflagelação, por sentir que no sangue manchando o salto da sandália, pingando no lençol, estava a prova da minha autodefinição. Eu, dona de mim. Uma lésbica que deflorara a si própria com o salto da sandália de uma mulher que se tornara uma fixação. Uma definição oca como a vagina. (Rios, 1981b, p. 29)

Observa-se, novamente, a presença da retratação erótico-pornográfica na literatura de Rios. A cena descrita demonstra a personagem na experiência máxima do erotismo, na qual se misturam os limites do desejo e do autoflagelo. O sangue na sandália e no lençol acrescenta mais elementos à fusão entre a intimidade e a vulnerabilidade do "doar" o corpo para a vivência erótica. Com o trecho "Eu, dona de mim" e reafirmando sua lesbianidade, a personagem se autoafirma como agente dessa experiência, demonstrando o desejo do controle. O trecho, portanto, confirma a perspectiva de que o corpo-erótico é vulnerável à introdução não somente física, mas também metafísica, com a supressão dos limites até então estabelecidos.

Resultados e breves conclusões

O presente artigo propôs a análise da representação do corpo-erótico na literatura por meio das obras "A borboleta branca", "As traças", "Eu sou uma lésbica", "Mutreta" e "O gamo e a gazela", de Cassandra Rios. Através do estudo das definições históricas e conflitantes dos conceitos de "erotismo" e "pornografia", assim como da

complexidade de se definir justamente esses termos, a pesquisa almejou tratar da pele como condutora da experiência erótica.

A diferenciação semântica e cultural dos termos “erotismo” e “pornografia” foi discutida de maneira a destacar sua relação, bem como afastar as ideias de avaliação crítica e moral ocidental. Defendeu-se que as fronteiras entre os conceitos não devem ser rígidas, mas sim fluidas e entendidas de maneira complementar.

Acredita-se, neste trabalho, que a literatura de Cassandra Rios contribuiu para o combate e provocação de pensamentos tradicionais da época, à medida que escolhia, frequentemente, como objeto, mulheres lésbicas, pessoas duplamente marginalizadas por seu gênero e orientação sexual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC/Editora da UNESP, 2010.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro. Zahar, 2008.

BRUM, Roberta Knapik. O silenciamento de existências: Cassandra Rios e lesbiandades. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH: História & Resistência, 15, 2020, Passo Fundo. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2020. Disponível em: <https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/anais/trabalhos/trabalhosaprovados>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BYRD, Rudolph P; COLE, Johnnetta Betsch; GUY-SHEFTALL, Beverly. **I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.

CASTRO, Maria Glória. O interdito no ideal de nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira?. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S.l.], n. 32, p. 57–67, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9567>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CHILAND, Colette. **O sexo conduz o mundo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DWORKIN, Andrea. **Letters from a war zone**. New York: Lawrence Hill Books, 1993.

EIRAS, Macarena. **A noite em que as sapatao também tomaram o poder**. 2019. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-noite-em-que-as-sapatao-tambem-tomaram-o-poder>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. **Revista Iberoamericana: erotismo y escritura**, [S.l.], v. 65, n. 187, abr./jun. 1999, p. 405-421. Disponível em: <https://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6082/6258>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GATTI, Beatriz. Quais são as bandeiras LGBTQIA+ e o que elas significam? **Revista Galileu**, online, jun. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/06/quais-sao-bandeiras-lgbt-que-e-o-que-elas-significam.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JARDIM, Nadege Ferreira Rodrigues. **Patriarcado fantasmagórico, heteronormatividade monstruosa: a presença do gótico no romance A serpente e a flor, de Cassandra Rios**. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da homossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KLIEN, Julia. Na poesia. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 105-137.

LIRA, Ramayana. Meta(na)morfoses lésbicas em Cassandra Rios. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 129-141, abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Px6cd6ZMt8RPj7qcp54vMgz/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: essays and speeches**. [S.l.]: Crossing Press, 1984.

MILLETT, Kate. **Política sexual**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, Jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MORAES, Eliane; LAPEIZ, Sandra. **O que é Pornografia?** São Paulo: Abril Cultural Brasileira, 1985.

MORAES, Laura; FRANÇA, Bernardo. **Quem foi Cassandra Rios, pioneira da literatura lésbica no Brasil.** 2022. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2022/08/quem-foi-cassandra-rios-pioneira-da-literatura-lesbica-no-brasil.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo?** São Paulo: Braziliense, 2004.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos**, Brasília, n. 61, e 611, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n61/2316-4018-elbc-61-e611.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do Feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, Estudos gays: gêneros e sexualidades, online, v. 4, n. 5, p. 17-44, nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 10 mar. 2025.

RIOS, Cassandra. **A borboleta branca.** São Paulo: Hemus, 1968.

RIOS, Cassandra. **As traças.** Rio de Janeiro: Record, 1981a.

RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica.** Rio de Janeiro: Record, 1981b.

RIOS, Cassandra. **Mutreta.** São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1977.

RIOS, Cassandra. **O gamo e a gazela.** [S.L.]: Edições Spiker, 1961.

RODRIGUES, Sérgio. Homossexualismo ou homossexualidade? **Revista Veja**, online, jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SIGNIFICADO de Autômato. 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/automato-2/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SONTAG, Susan. **A Imaginação Pornográfica.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

Data de submissão: 25/05/2025

Data de aceite: 02/09/2025